

Concentra mas não sai



DINOUGAÇÃO

MAURICIO GUEDES*

No último Carnaval do Rio, mais de 500 blocos saíram pelas ruas, desfilando nomes geniais. Entre os publicáveis neste espaço, estão o Simpatia é Quase Amor, Sovaco de Cristo, Imprensa que eu Gamo (obviamente criado por jornalistas), Nem Muda nem Sai de Cima (do bairro da Muda), Me Beija que eu sou Cineasta, Mulheres de Chico e a histórica Banda de Ipanema. A associação que os reúne atende pelo nome de Sebastiana, uma bem-humorada e também genial homenagem ao santo padroeiro da cidade.

O Concentra mas não Sai, fundado em 1995 pela cantora Beth Carvalho, não desfila, só concentra. O seu nome bem que poderia ser tomado emprestado por pesquisadores, empresários e agentes de governo, para uma oportuna reflexão sobre a dinâmica do Triângulo de Sábado (ou da Triple Helix, como queiram) entre nós.

A nossa “concentração para a inovação”, seja ela avaliada pelos investimentos em C&T, pela formação de mestres e doutores ou pelas publicações científicas, gera expectativas no campo do desenvolvimento econômico bem superiores aos resultados alcançados. Temos importantes exceções, em setores como agricultura, aeronáutica e energia, mas a regra geral ainda é um distanciamento entre os mundos da academia e das empresas. Nos últimos anos, a relação, que era contaminada pela falta de interesse, desconfiança ou mesmo rivalidade, evoluiu para um clima de cerimônia. Já é um avanço, mas não é suficiente para um bom desfile.

O país avançou no campo legislativo. A

Lei de Inovação impulsionou a cultura da inovação no meio científico. Criou o instrumento da subvenção econômica, a possibilidade de licença para pesquisadores que queiram criar uma empresa de base tecnológica e a equalização de taxas de juros. Fez renascerem os Núcleos de Inovação Tecnológica, trouxe a previsão legal para que nossas universidades criassem incubadoras de empresas (embora já houvesse centenas delas em operação e a experiência brasileira fosse reconhecida internacionalmente). Provocou a discussão do tema da inovação tecnológica nas assembleias legislativas de mais de uma dezena de estados, que também criaram as suas Leis de Inovação.

No final de 2009, uma importante iniciativa do setor empresarial não recebeu a devida atenção dos meios de comunicação. Em um manifesto, a CNI assumiu um compromisso com a mudança e lançou a MEI – Mobilização Empresarial pela Inovação, declarando que quer fazer da inovação uma prioridade estratégica de todas as empresas, independentemente de seu porte ou setor de atividade.

Este clima de “concentração para o desfile” pode ser muito bem aproveitado este ano. Teremos a 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, com o título “Política de Estado para Ciência, Tecnologia e Inovação com vista ao Desenvolvimento Sustentável”. Teremos eleições, um momento de debates e disputas, mas também uma excelente oportunidade para a construção de alguns consensos. A criação de um ambiente propício para a inovação e para o empreendedorismo inovador deveria ser um desses consensos. ■

*Mauricio Guedes é diretor da Incubadora de Empresas da Coppe/UFRJ e do Parque Tecnológico da UFRJ e vice-presidente da International Association of Science Parks (IASP).